



A Pinça e o Lápis

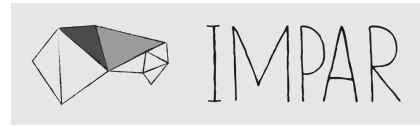
Juliana Delgado

Apresentado no 11º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica

São Francisco Xavier, 25-27 de agosto de 2023

Publicado online em 09 de setembro de 2023

www.institutoimpar.com.br



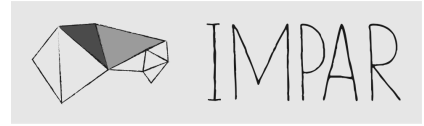
A Pinça e o Lápis

Juliana Delgado

Nenhum trabalhador pode trabalhar sem ferramentas. Tudo indica que para que o trabalho se realize, é necessário um conjunto de materiais adequados, favoráveis àquele tipo de trabalho. Ferramentas nos auxiliam no processo de criação de algo que queremos. Devem se comportar, agindo de acordo com a vontade de quem as manuseia. Portanto, é importante que o trabalhador conheça bem suas vontades e suas ferramentas, saiba como usá-las e em quais circunstâncias deve trocar seu material. Uma chave de fenda convencional não faz o mesmo trabalho que uma chave Phillips, a furadeira que se comporta de maneira eficaz furando a parede de gesso, não fura a de concreto. Pregos e buchas então, existem um arsenal de tamanhos e formas, causando a quem não os conhece um tipo de enlouquecimento, principalmente quando se está no último minuto de sua paciência. O que seria também um perigo para o trabalhador, a perda da paciência, pode pôr tudo a perder. A estes (os que trabalham), a lembrança da máxima alquímica: “em sua paciência está sua alma”.

São muitos os trabalhadores e muitos os trabalhos. Quero falar aqui de um tipo específico de trabalho: o trabalho da psique e seu trato com ferramentas, mais especificamente, a pinça e o lápis, tentando imaginar o que quer a alma quando está com a pinça e o lápis na mão. Portanto nessa reflexão, a alma é o sujeito trabalhador, a paciente pessoa da vontade, a que faz e desfaz incansavelmente.

Essa fiel operária, artesã da vontade, com uma linguagem muito peculiar, trabalha incessantemente, a todo tempo. No coração de sua vontade, mora um impulso gerador, o que faz com que sua principal atividade no ramo psíquico seja criar. Jung já dizia:



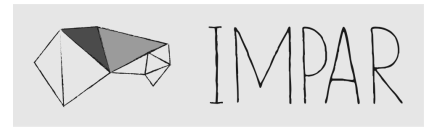
a psique cria realidade todos os dias. A única expressão que posso usar para essa atividade é *fantasia*. [...] A fantasia, portanto, parece-me a expressão mais clara da atividade específica da psique (Jung, *CW6*, §73).

Já reconhecemos que o que chamamos de realidade, chega a nós a partir da criação de uma imagem de fantasia. Nossa trabalhadora tem uma habilidade autônoma de produzir imagem. Ela fabrica imagens, compõe imagens, seu coração palpita imagens. A alma cria através de seu órgão gerador, a imaginação.

Sua atividade imaginativa apresenta-se metaforicamente. Comunica-se através de metáforas, sua linguagem é poética. Gosta de distorções, sonha informando seu campo de deformação, aflito, profundo. Sua existência aproxima-se da tragédia, do amor e da beleza. Tem uma peculiar relação com a morte.

Reflexiva, seu modo de existência permite ver através do que lhe acontece. Múltipla, sua necessidade de movimentar-se através de diferentes perspectivas a conecta com suas diversas forças, o que ela chama de deuses, para melhor encontrar seu lugar nas experiências. Tem uma tendência patologizante, uma habilidade autônoma em produzir doença, anormalidade, morbidade e sofrimento em qualquer aspecto do seu comportamento. Vulnerável, patologiza como forma de refletir a si mesma. Onde lhe dói, seu sofrimento e sua loucura são aberturas oculares, espaços de visão que lhe permitem acessar sua profundidade e, ao mesmo tempo, são sua forma de expressão, onde encontra e utiliza sua linguagem para se descrever, cultivando sua existência enquanto alma.

Nesse trabalho diário, contínuo e persistente de ser quem se é, a alma precisa de ferramentas. Aqui o trabalho se dará com duas ferramentas distintas, duas ferramentas com inconscientes diferentes. Primeiro a pinça, depois o lápis.

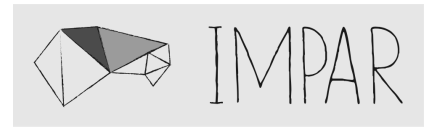


A pinça é comumente conhecida na área estética, usada na remoção de pelos indesejados para limpeza do contorno da sobrancelha. Mas é na área cirúrgica que ela ganha volume, são encontradas em diversos tipos para diferentes utilidades. Cirurgicamente, a pinça quer sempre separar, segurar, extrair. A pinça é uma ferramenta que pede manuseio preciso; se vê diante de matérias minúsculas, quase sempre exigindo boa visão de quem a manuseia.

Trabalhando com o minúsculo, com o frágil, em um movimento que exige delicadeza, foco, destreza, precisão e boa visão, imagina-se essa alma em um lugar menos fixado em sua materialidade, mais distante de sua luz negra, de seu preteja-mento, sua depressão, sua escuridão. Quando então já é possível sentar-se para se rever, em seu momento de reflexão. Reflexo e reflexão numa mesma imagem. Aquele momento do alvorecer, da luz prateada, onde as coisas brilham e as próprias imagens falam como corpos de sutileza. Mas não se trata meramente de um clareamento, de um estado branco, onde fatalmente algo essencial do trabalho estaria sendo perdido. Entende-se que seus estados anteriores estão contidos no atual. Que dentro de sua condição prateada, moram áreas azuladas, regiões cinzentas, sombrias; o sofrimento transmitido através de outra tonalidade, como uma espécie de ressonância ou fideliza-ção às difíceis condições anteriores. Como coloca James Hillman, “a cor da prata não era apenas branca, mas azul” (Hillman, 2011:193).

Boa visão para a alma não requer condições completamente claras, luminosas. Ela enxerga melhor quando se vê atravessada por suas aflições. O lugar ferido é seu olho e através dele pode pinçar suas fantasias, tornar-se psicológica. Trazendo Hillman novamente:

A ferida e o olho são um só. Do ponto de vista da psique, a patologia e o insight não são opo-
stos [...]. O patologizar é ele próprio um meio de enxergar: o olho do complexo dá a peculiar
torção chamada “insight psicológico” (Hillman, 2010:223).



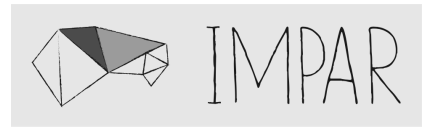
Nesse sentido, o insight psicológico se dá através do pinçamento da imagem dentro do sofrimento, da pessoa arquetípica na aflição, gerando um processo de reconhecimento e valoração das realidades imaginais.

Poderia-se então imaginar que ter um insight psicológico é como ser pinçado pela alma. É a alma trabalhando com sua pinça em seu processo de interiorização, reconhecendo o valor de suas imagens num movimento de fora para dentro, do aparente para o menos aparente, do literal para o metafórico.

Extraír valor de suas imagens é uma forma de reconhecer-se a partir do ato da reflexão. A alma extrai seu valor de seus diminutos grãos-prata, de sua terra branca granulada, a partir do movimento de dissolução e coagulação de sua substância. Isso acontece inúmeras vezes, “cem vezes por dia”. Dessa forma, pinça suas diferentes e diminutas visibilidades imaginativas, reconhecendo seu valor enquanto alma. É retida por suas imagens, enriquecendo-se de metáforas para dar vida à imaginação.

A alma pode ser cirúrgica em seus momentos de reflexão. Entendemos que reflexão é um modo de reter as coisas, colocando-as numa forma definida. E para adquirir forma, é preciso foco e precisão. Um tipo de consciência é gerado através desse reflexo de imagens, a mente aterrada em terra branca. Talvez nesse ponto valha uma pequena observação: a alma em seu trabalho com a pinça, está incorporada de seu espírito. Aqui alma e espírito trabalham conjuntamente. O trabalho com a psique de fato torna o espírito mais incorporado; aquilo que acontece na mente ganha cada vez mais realidade substancial.

O *aterramento em terra branca* seria uma expressão análoga à base poética da mente, onde James Hillman segue C.G. Jung, considerando as imagens de fantasia no sentido poético, como um processo contínuo de *poiesis*, aproximando a mente do campo da imaginação. Ele coloca: “para a mais profunda compreensão da mente, somos obrigados a nos voltar para a poesia” (Hillman, 2011:240).



Em mãos imaginativas, os grãos prateados tornam-se poesia — essências da mente. A mente é primariamente estética. A alma pinça suas pequenas intensidades, suas coisinhas miúdas e tão difíceis de quebrar, com os dedos da beleza.

Para a realização do movimento de pinça é necessário trabalhar a coordenação motora fina, que requer precisão e delicadeza. É no exercício desse tipo de musculatura anímica, que a alma incorpora a ferramenta e assim já pode pegar com seus dedos, o lápis.

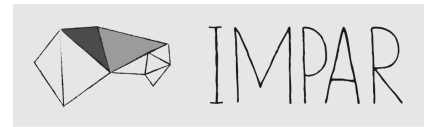
Enquanto com a pinça a alma trabalhava num movimento de fora para dentro, com lápis, a alma dirige-se para o lado de fora.

A etimologia da palavra lápis vem da palavra pedra, em latim. Dentro da formação da palavra lápis, encontramos pedra. Temos no lápis um bom condutor de almas, a ferramenta movimenta o curso da ação em direção a meta, que nada mais é do que exposição.

Bem ferramentada, a alma com o lápis quer ser lida. Quer escrever e ser escrita. Descrever-se, sublinhada por seus devaneios, rabiscada por sua solidão, traçada pelo seu silêncio. Surgir como caligrafia.

Inspirada por seu espírito poético, a alma se dirige ao papel. Com o lápis nos dedos sonha sob a página em branco. Adere ao papel, despertando-o de seu sono imaculado. Impressionado diante da folha em branco, desfaz-se enquanto outras coisas são refeitas.

Parece que forças maiores regem os que escrevem. O lápis se submete aos enredos da alma, suas tramas confusas, suas histórias falidas, mas acima de tudo à necessidade. Há algo que se impõe. Como se só através daquele ato, fosse possível à



alma descobrir suas vozes, suas formas (mesmo que entrecortadas), atingir alguma forma de entendimento e talvez encontrar beleza no mundo.

Com o lápis a alma embarca no fluxo sinuoso do seu devir: “os olhos da cobra verde/hoje foi que arreparei/se arreparasse há mais tempo/ não amava quem amei. It's a long way” (Velooso, 1972).

Somos o que somos e não poderia ser de outra forma, diz a Necessidade. Há algo em nós que não podemos escapar e que caracteriza um determinado tipo de caminho – diz a alma com seu lápis na mão. Como diz Hilda Hilst, “tu podes ir e ainda que se mova o trem, tu não te moves de ti” (Hilst, 2004:132). Há beleza nisso. Seu amor aumenta.

Referências

HILLMAN, J. *Psicologia Alquímica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. *Re-vedo a Psicologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HILST, H. *Tu não te moves de ti*. São Paulo: Globo, 2004.

JUNG, C.G. *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

VELOSO, C. *Transa*. Londres, 1972.

O **Impar** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pelo Impar, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.